DOI: http://dx.doi.org/10.18315/argumentum.v8i3.13693

ARTIGO

Identidades de idosos longevos: significados atribuídos a ser velho

Identities of the long-lived elderly: meanings attributed to being old

Maykon dos Santos MARINHO[1]
Renato Novaes CHAVES[2]
Argemiro Ribeiro SOUZA FILHO[3]
Luciana Araújo dos REIS[4]

Resumo: O artigo tem por objetivo propor uma reflexão sobre o significado de *ser velho*, com o intuito de desvendar mitos e desconstruir crenças que fornecem sustentação para o processo de exclusão e marginalização dos idosos longevos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com a utilização da técnica da história oral temática e do software NVivo para análise dos dados. Os idosos longevos entrevistados reconhecem-se como envelhecidos, mas não se consideram *velhos*, em razão disso, recusam o uso da palavra *velhos (as)* e se autonominam idosos (as). Assim, embora continue muito presente no imaginário social a ideia de decrepitude do sujeito velho, nos deparamos com novas imagens positivas da velhice em que os idosos longevos exploram novas identidades de um modo que era exclusivo dos idosos jovens e da juventude.
Palavras-chaves: Identidade. Velhice. Envelhecimento. Longevidade. Capitalismo.

Abstract: The article aims to reflect on the meaning of being old, to unravel myths and deconstruct beliefs that provide support for the process of exclusion and marginalization of the most long-lived elderly. This is a qualitative study using the technique of oral history and NVivo software for data analysis. Long-lived elderly respondents are recognized as aged, but do not consider themselves *old*, because of this there is the refusal to be termed as *old* but as elderly. Thus, while the idea of the decrepitude of the old guy is still very present in the social imagination, we face new positive images of old age in which the long-lived elderly explore new identities in a way that was unique to the young elderly and youth.
Keywords: Identity. Old age. Aging. Longevity. Capitalism.

Submetido em: 29/7/2016. Aceito em: 21/10/2016.

[1]Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB, Itapetinga, Brasil). Praça Primavera, nº 40, Bairro Primavera, Itapetinga (BA), CEP. 45700-000. E-mail: <mayckon_ufba@hotmail.com>.
[2] Docente da Faculdade de Tecnologia e Ciências de Vitória da Conquista (BA) (FTCVC, Vitória da Conquista, Brasil). Rua Ubaldino Figueira, nº 212, Recreio, Vitória da Conquista (BA), CEP. 45020-230. E-mail: <rnc_novaes@hotmail.com>.
[3] Docente da Faculdade Independente do Nordeste (FIN, Vitória da Conquista, Brasil). Av. Luís Eduardo Magalhães, nº 1035, Candeias, Vitória da Conquista (BA), CEP. 45055-420. E-mail: <arsouzafilho@gmail.com>.
[4] Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Memória: Linguagem e Sociedade e do Curso de Fisioterapia do Departamento de Saúde 1, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB, Itapetinga, Brasil). Praça Primavera, nº 40, Bairro Primavera, Itapetinga (BA), CEP. 45700-000. E-mail: <lucianauesb@yahoo.com>.

Introdução

As sociedades, em diferentes contextos históricos, sociais e culturais, atribuem significados específicos às etapas do curso de vida dos indivíduos: infância, juventude, maturidade e velhice (DEBERT, 2013). Os conceitos de *senilidade, velhice*, *velho* e *idoso* também se manifestam de maneira distinta, carregados de sentidos e preconcepções particulares e, não raramente, depreciativos para aquele(s) indivíduos ou agrupamentos sociais a que se vinculam (ARGIMON, et al., 2011). Portanto, o que interessa aqui é a demarcação de que as representações sociais daqueles sujeitos históricos que já viveram e experimentaram muito, os *velhos*, permeiam o imaginário social de forma pejorativa, perpetuando, assim, a ideia de decrepitude do sujeito idoso.

Neste contexto, é preciso salientar que nem sempre o termo *velho* esteve associado à concepção prenhe de negatividades. De acordo com Peixoto (2013), até meados do século XX, as denominações *velho* e *velhote* serviam para designar pessoas com algum tipo de *status* social. Os significados depreciativos desses vocábulos teriam surgido junto com o desenvolvimento dos meios de produção capitalista e se incrustaram nas idades avançadas da vida, onde o ser social depreciava-se, tornava-se inválido para gerar ou produzir *mais-valia* (ROZENDO; JUSTO, 2011).

Ser velho, à luz das relações capitalistas ocidentalizadas, passou a representar um conjunto de transformações que vão bastante além das esferas biológicas, posto que atingem diretamente e com muito impacto a própria constituição do ser social. O constructo societário do envelhecimento humano é, para uma parte dos estudiosos, deveras negativo (BOSI, 1998), uma vez que, a acepção de alguém que *envelhecera* está diretamente associada à estagnação econômico-social e cultural, seguida da decrepitude físico-intelectual e demais perdas que, não raramente, conduzem esses indivíduos ao isolamento do meio social, produtivo, e, por vezes, familiar. Advém daí, a imagem negativa do (a) aposentado(a) (RODRIGUES; SOARES, 2006).

No entanto, nas últimas décadas, as imagens associadas à velhice passaram por diversas transformações e novas possibilidades de nomeação, cuidado sociabilidade e lazer foram apresentadas à sociedade, o que deu à velhice maior visibilidade (CARMAGNANIS, 2016). De acordo com Goldenberg (2016), a velhice vem passando por mudanças que trazem uma perspectiva mais positiva. A antiga e rígida associação de *velhice* com incapacidades, doenças e fragilidades já não corresponde à experiência de um número crescente de *velhos*.

Embora o termo velho seja evitado pela literatura, na expectativa de ultrapassar a depreciativa ideia de alguém decadente, inativo e pouco útil sócio e intelectualmente (VIEIRA, 2012), Zimmerman (2007, p.10) afirma que o termo "[...] *velho* não é depreciativo, pelo contrário, depreciativo é substituir a palavra velho por eufemismos, como se ser velho fosse um defeito que devesse ser escondido. O que deve ser mudado não é a forma de se referir ao velho, mas sim a maneira de trata-lo". Assim corroborando com a visão de Zimmerman (2007), Mirian Goldenberg publicou em 2016 o livro intitulado *velho é lindo*, "[...] para mostrar aos *velhos* de hoje e ao *velhos* de amanhã, que '*velho está na moda*!'; mais ainda que *velho* é lindo!" (GOLDENBER, 2016).

Envelhecer na e com a sociedade capitalista

A sociedade advinda no pós-Revolução Industrial parece ter introjetado e passado a difundir um padrão ideal de sujeito baseado no jovem, nos indivíduos produtivos, proativos, flexíveis, dinâmicos, ou seja, rigorosamente capazes de disponibilizar seu *corpo* e seu *discurso* ao nexo das relações de trocas próprias do sistema capitalista (BOSI, 1998). Com o avento da sociedade informacional, essa situação de constatar que a idade dos seres humanos torna-se inexorável o perecimento tem se metamorfoseado, mas quase sempre respeitando uma lógica excludente, na qual as relações sociais tendem a refletir no valor de uso que, freneticamente, torna obsoleto os produtos, as mercadorias, em especial as que envolvem tecnologias, cujas obsolescências ocorrem numa velocidade jamais vista. A retórica implícita nesse discurso mercadológico tem, de alguma forma, impactado as relações humanas, com peso maior sobre a população idosa, já que deflagram a ideia de que qualquer envelhecimento é desproporcional às necessidades de sofisticação e descarte rápido embutidos no atual contexto capitalista.

Como reação a essa logicidade própria das relações capitalistas que transformam tudo em mercadoria, diversos setores da sociedade contemporânea têm suscitado novas perspectivas que apontam para a desconstrução de representações[5] negativa da velhice, possibilitando, assim, a construção de uma identidade social positiva da pessoa idosa (MOURA; SOUZA, 2012). Neste diapasão, o conceito de *terceira idade* fora o que melhor se contrapôs à representação de velhice até então proposta. A expressão *terceira idade* surgiu em 1970, na França, para designar a população de mais idade, ou pelo menos a parte mais jovem dessa população. Essa expressão foi amplamente difundida e, aos poucos, se impôs como símbolo de uma transformação profunda do mapa das existências individuais passando a ocupar um espaço temporal situado entre a idade adulta e a real velhice (CARADEC, 2016).

Em vista disso, a acepção *terceira idade* se propagou como uma expressão eficaz para designar um tempo de liberdade, inaugurado pelos desaparecimentos das obrigações profissionais, e como uma *nova juventude*, prenhe de conexões que todos devem aproveitar para descobrir novos horizontes, realizar projetos pessoais que não puderam ser concretizados até então, e explorar aspectos inexplorados da personalidade (CARADEC, 2016).

Não restam dúvidas, então, que a imagem dos idosos em países como o Brasil, cuja base etária da população em geral está se invertendo, adquire uma nova roupagem, na qual os indivíduos acima dos 60 anos são mais facilmente inseridos numa nova categoria social, a da *terceira* ou *melhor idade* que, nos estreitos e poucos flexíveis limites do capital, continua sendo uma construção identitária refuncionalizada daqueles que se tornaram longevos, mas que ainda podem cumprir um papel ativo na sociedade da produção e consumo (ROZENDO; JUSTO, 2011).

A despeito disso, tem-se que admitir que a senilidade humana passa por uma ressignificação que permite ao mercado de produtos e serviços prolongar a *vida útil* desses agrupamentos que se tornam, inexoravelmente, mais numerosos, reabsorvendo-os no meio produtivo e criando uma série de demandas e ofertas de uma gama formidável de produtos e serviços que, de fato, repõe o *modus operandi* do viver a *terceira idade*. Fácil é constatar que essa metamorfose do *velho* para o *idoso* não se trata apenas de uma questão semântica, envolve, pois, a forma de se

[5] Segundo Minayo (2007) representações são nada mais que o senso comum, ou seja, o conjunto de valores e significados construídos em interação corriqueira com a sociedade. Desse modo, pode-se supor que as representações dos idosos acerca de sua condição são permeadas por um construto social e cultural que elabora significados, sejam positivos ou negativos, sobre o envelhecer.

ver e ser visto, à ressignificação mesma da identidade senil que, dentre outras coisas, torna capaz de refundar e, assim, alterar as concepções, os comportamentos e os modos de se pensar e de aceitar o que é próprio da pessoa idosa (DEBERT, 2003).

De acordo com Mercadante (2005), a percepção do corpo em declínio, enfraquecido, que acompanha as idades avançadas da vida, tende a reconformar-se, retardar-se o máximo possível, na expectativa de testar os limites físicos do corpo, atribuindo-lhe uma sobrevida que procura agregar novo sentido à identidade desses sujeitos. Afinal de contas, as imagens pejorativas sobre os mais velhos não avaliam somente a aparência, mas expandem-se para a personalidade, o papel social, econômico e cultural do idoso (MERCADANTE, 2005).

Desse modo, refletir sobre o significado de *ser velho*, a partir dos discursos dos idosos longevos (mesmo para aqueles que ultrapassaram a barreira dos 80 anos), talvez seja um caminho para entender esse novo olhar sobre o envelhecer, haja vista que a percepção do idoso sobre sua condição física, intelectual e produtiva poderá variar de acordo com o grupo socioeconômico e cultural ao qual está ligado. Situação essa que, por exemplo, denuncia o equívoco do trabalho isolado de muitos profissionais da saúde que não recorrem às ciências humanas e sociais como meio de compreensão da subjetividade que circunda o processo de envelhecer.

Nesse sentido, como advertira Motta (2013), a velhice é um fenômeno biossocial que não existe singularmente e nem de modo tão evidente quanto se costuma enunciar. Em termos estritos, não existe a velhice; existem formas de se experimentar a idade avançada. Visto assim, também não existe a pessoa velha, existem idosos e idosas, em pluralidade de imagens socialmente construídas e referidas a um determinado tempo do ciclo de vida.

Ressalta-se, ademais, que a literatura nacional sobre idosos longevos, entre os brasileiros, ainda é escassa, o que deixa, assim, à mostra a existência de lacunas sobre este grupo específico da população emergente e a necessidade de estudos mais aprofundados que abordem os idosos longevos como tema central de pesquisa, justificadas diante da complexidade e heterogeneidade do que é envelhecimento e longevidade (LIMA; MENEZES, 2011). Nesta perspectiva, a finalidade deste artigo consiste em propor uma reflexão sobre o significado de *ser velho*, com o intuito de desvendar mitos e desconstruir crenças que fornecem sustentação para o processo de exclusão e marginalização dos idosos longevos.

Método

O itinerário metodológico deste estudo contempla a pesquisa qualitativa exploratória-descritiva, com a utilização da técnica da história oral temática. O recurso à história oral permite colher e analisar narrativas das experiências de vida de uma pessoa. Essa é uma técnica utilizada para a elaboração dos registros, documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos (MEIHY, 2005).
Os participantes da pesquisa foram recrutados em uma Unidade de Saúde da Família (USF) do município de Vitória da Conquista-Bahia. Essa unidade possui 3.392 famílias cadastradas, e oferece atendimento para 13.146 usuários, dos quais 1.320 são idosos. O recorte da pesquisa levou em consideração 10 idosos longevos que atendiam aos seguintes critérios de inclusão: idade igual ou superior a 80 anos, ser independente funcionalmente e ser usuário da USF escolhida.

Foram utilizados dois instrumentos para a coleta de dados: um formulário semiestruturado, com questões de caracterização sociodemográfica dos idosos longevos e uma entrevista semiestruturada com as sete questões voltadas para os significados atribuídos ao processo de envelhecimento, antes e após envelhecer.

Transcorrida a transcrição integral das entrevistas, as informações foram analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011). Porém, devido à grande quantidade de informações utilizou-se o *software* de tratamento de dados qualitativos QSR NVivo®, versão 10.0, doravante escrito como NVivo. Ao fazer uso desse software, foi empregada a técnica *Nuvem de Palavra*, que é uma forma de visualização de dados linguísticos que mostra a frequência com que as palavras aparecem. As palavras aparecem com tamanhos e fontes de letras diferenciadas de acordo com as ocorrências das mesmas no texto analisado. O conjunto dessas palavras gera uma imagem e aquela que tem maior frequência aparece no centro da imagem e as demais em seu entorno, de modo decrescente. É importante ressaltar que as palavras como locuções adverbiais, preposições, artigos, assim como outros vocábulos sem relevância para a pesquisa foram excluídas para a obtenção de um resultado sucinto (QRS INTERNACIONAL, 2014).

Os princípios éticos foram observados, de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 466/2012, sendo o projeto submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Independe do Nordeste (FAINOR), com parecer de aprovação (Protocolo n° 759479). Os participantes deste estudo assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e com vistas a garantir o anonimato dos participantes e facilitar a compreensão do leitor foram atribuídos aleatoriamente nomes de flores aos idosos longevos, a saber: Cravo, Margarida, Camélia, Angélica, Rosa, Lírio, Hortência, Violeta, Girassol, Jasmim.

Resultados e Discussão

Segue abaixo a caracterização dos idosos longevos entrevistados, quanto a gênero, estado civil, número de filhos, escolaridade, profissões que exerciam antes da aposentadoria e o estado de saúde atual, com base em informações colhidas durante as entrevistas.

Ao analisar os resultados obtidos no presente estudo, ficou evidente a maior participação de mulheres. Posto que dos dez participantes da pesquisa, oito pertenciam ao gênero feminino, o que corrobora os dados que têm evidenciado a predominância do gênero feminino em alcançarem mais facilmente a longevidade do que o masculino. Essa vantagem em relação à categoria feminina é coerente com o registro na literatura e decorre de diversos fatores, entre os quais a tendência do gênero feminino se cuidar mais e melhor, buscar assistência médica ou apoio social (SANTOS; MOREIRA; CERVENY, 2014).
Em relação ao estado civil dos idosos longevos, os dois homens entrevistados são casados, e das oito mulheres entrevistadas, três são casadas, uma vive em união estável e quatro são viúvas. Um dado interessante é que o gênero feminino por ser mais longevo, tende a viver a viuvez mais frequente que o masculino (IBGE, 2010).
Em relação ao número de filhos, os idosos longevos em análise tiveram uma média de cinco filhos. Esses dados apontam para uma transição entre famílias extensas com grande número de filhos para famílias menores com um ou dois filhos por mulher na atualidade (IBGE, 2010).

Ao avaliar com quem o (a) idoso (a) longevo (a) reside, parte significativa da amostra, declarou morar com familiares: cinco vivem com seus cônjuges; três moram com parentes (filhos ou netos); e duas referem morar sozinhas e que esta opção se deu pela viuvez, ou pelo fato de os filhos morarem em outras cidades. Durante as narrativas, as idosas longevas afirmam preferir viver sozinhas, o fato de ter a sua própria moradia, parece, lhes dar maior autonomia e mais liberdade.

Esta preferência também foi constatada em pesquisas sobre idosos que moram sozinhos (SANTOS, et al., 2010). De acordo com Caradec (2016, p. 33), muito idosos valorizam fortemente seu domicílio, pois é o local onde "[...] se sentem protegidas das pressões externas, é uma referência de identidade (o domicílio simboliza a pessoa e sua continuidade), de espaço (espaço familiar, intimamente apropriado, de uso fortemente enraizado nos hábitos corporais) e de tempo (pois está carregado de lembranças)".

Em relação a profissões que exerceram, entre os entrevistados, um era comerciante; uma professora; uma costureira; uma doméstica; um policial; cinco eram donas de casa. Esses exemplos de ocupações laborais constituíam o comportamento padrão no mundo do trabalho nas décadas de 1930, 1940 e 1950, especialmente em referência às brasileiras (BARROS, 2013). Importa registrar, que todos os participantes deste estudo encontram-se cobertos pela seguridade social.

Quanto ao grau de escolaridade, dos dez entrevistados, quatro eram analfabetos; quatro possuíam instrução escolar equivalente ao antigo Ensino Fundamental I; um tinha o equivalente ao Ensino Fundamental II e um o equivalente Ensino Médio. O baixo índice de educação formal dos idosos longevos entrevistados deve-se ao fato de que a maioria nasceu e viveu a infância em áreas rurais. Eles viveram em uma época que havia muita dificuldade de acesso às escolas, carência de escolas públicas, baixo poder aquisitivo e desvalorização da educação formal. Situações essas que, devido ao arraigado sistema patriarcal subjacente à sociedade brasileira até, pelo menos, a metade do século XX (FAORO, 1958), dificultaram sobremaneira a conquista da educação formal, principalmente para o gênero feminino (VASCONCELOS; SOUZA FILHO, 2001).

Os idosos longevos, aqui pesquisados, acreditam ter boa saúde, pois têm autonomia e são independentes funcionalmente. Entende-se como idoso independente funcionalmente aquele indivíduo que é capaz de realizar atividades da vida diária sem dificuldades. O grau de autonomia e independência apresenta-se, portanto, como aspecto importante na qualidade de vida das pessoas. Para Conceição (2010), autonomia e independência são conceitos interdependentes e referem-se à forma como cada pessoa consegue conduzir sua própria vida. É considerada como autonomia a capacidade de tomar decisões e de executá-las, já independência relaciona-se com a conformação física, mental e social para realizar atividades cotidianas (MOURA; SOUZA, 2012).

Na perspectiva de construção e afirmação de uma identidade social positiva do idoso(a), Minayo e Coimbra Júnior (2002) afirmam que, do ponto de vista econômico, os idosos (especialmente os mais ativos e independentes) representam um mercado promissor no mundo dos bens de consumo, da cultura, do lazer, da estética e dos serviços de saúde. Nessa direção, garantir uma existência mais saudável ao idoso é admitir novas formas de pertencimento social

que envolvem novas possibilidades de comunicação, de participação grupal ou, ainda, de realizações de diferentes (ou novas) formas de lazer (MOURA; SOUZA, 2012).

Os significados atribuídos a *ser velho* pelos idosos longevos pesquisados

A partir da pergunta: *o que é ser velho (a)?* uma multiplicidade de significados perpassaram os discursos dos idosos longevos entrevistados. Neste quesito, em específico, os participantes narraram suas experiências nessa fase de sua vida, apontando uma diferenciação para os conceitos de *ser idoso* e de *ser velho*.

O resultado gerado pela técnica *nuvem de palavras* (Figura 1) mostrou como palavras mais frequentes nos depoimentos dos idosos longevos: *não, velho, sou, idosa,* respectivamente.

Figura 1. Nuvem de palavras gerada pelo NVivo com base nas narrativas dos idosos longevos.

Fonte: Dados da pesquisa *Narrativas sobre o envelhecer: memórias, vivências e identidades de idosos longevos*. Vitória da Conquista, 2015.

Percebe-se na nuvem de palavras que os termos em destaque *não, velho, sou, idosa*, estão relacionados com a negação dos idosos longevos em se considerarem como *velhos(as),* se autonomeando idosos(as). A recusa pelo uso do termo *velho* permite, portanto, afirmar que as representações negativas relativas às pessoas consideradas velhas permeiam o imaginário social não somente dos idosos jovens (idade média de 65 anos), mas também dos idosos longevos.

De acordo com Silva Sobrinho (2005), o que está subjacente a esses processos de negação de identidades recusadas são as relações de trabalho baseadas na exploração dos homens em atividades produtoras de mercadorias que suga suas forças físicas e mentais. Quando o trabalhador chega em uma determinada idade, acaba afastado das suas atividades laborais, torna-se um aposentado, mais facilmente encontra-se sujeito à pecha de indivíduo não lucrativo, não

mais produtivo, para o capital. Ademais, a negação (não sou *velho*) reflete ainda as exigências da sociedade capitalista de louvar a jovialidade, não só das mercadorias (coisas), mas dos próprios homens, pois isso, de fato, assinala um modo de reprodução das relações sociais capitalistas.

Por esse motivo, enquanto for possível, as pessoas que envelhecem preferem definir se à distância dessa identidade estigmatizada e desvalorizada, na qual não querem se reconhecer (CARADEC, 2016). Pois como afirma Rougemont (2016), o mercado continua produzindo a imagem de *velho* cuja decadência física é evidente, tem rugas, cabelos brancos, limitações físicas, é inútil, ranzinza, acomodado, pessoa que reclamam de tudo, que não tem mais vontade de viver, deixa de sonhar, sente-se incapaz, sente-se *velho* (ROUGEMONT, 2016).

Assim, os idosos longevos rejeitam peremptoriamente o termo *velho*, haja vista que eles compreendem e explicitam que *velho* é outra coisa. Representado, até mesmo por seres inanimados. Um *mulambo* de pano é algo, a rigor, *velho*; não é a si e nem mesmo ao seu semelhante que esse embolorado invólucro identitário conseguiria dar conta da experiência do que é experimentar e viver a longevidade. Assim, em consonância com o estudo realizado por Rougemont (2016) e Caradec (2016), os idosos longevos do presente estudo também recusam a denominação *velho* quando fazem referência a si, pois ser *velho* não faz parte de sua identidade, como se pode observar nas narrativas a seguir:

> *Eu não me considero velha, eu acho que sou idosa sabe?!, eu sou uma idosa!!! Mas, uma idosa bem esclarecida. Olha, eu acho que velho é quando a pessoa não quer mais saber de nada, quer ficar encostada num canto (Girassol, 81 anos).*
>
> *Velho é molambo, eu sou idosa, né?! eu me considero uma idosa, ser velho é pessoas que não tem mais nada para fazer na vida, eu não me considero velha (Violeta, 82 anos).*
>
> *Pra mim velho, é uma coisa que não presta mais, nós não pode falar véi não, né?! Velho é uma coisa que não presta mais e joga lá no lixo (Cravo, 80 anos).*
>
> *Eu tenho disposição para fazer tudo [...]; como eu vou para a academia. Eu faço caminhada; vou na rua. Resolvo isso; resolvo aquilo. Vou no banco e resolvo tudo que é problema. Eu acho que não tô velha. Eu tô idosa, pode botar aí! Idosa ... Minha cabeça tá mais do quê boa. Não tenho doença de velho, artrose, diabete, pressão (Margarida, 82 anos).*
>
> *Eu não me considero velha, porque eu faço tudo. Eu lavo minha roupa; eu faço minha comida; eu tenho um filho que dou conta dele. Eu lavo a roupa dele. Quando eu não posso, ele lava; e assim por diante. Eu não sou uma velha inútil, sedentária. Eu faço caminhada; eu faço minhas coisas; e assim por diante ... A vida continua né?!. (Camélia, 83 anos).*

É possível apontar um paradoxo nas narrativas pesquisadas. Embora todos os idosos se incomodem com o uso do termo velho, eles apresentam uma visão mais otimista da velhice, exaltando as novas formas de *ser velho* (idoso). Essas novas formas incluem um indivíduo ativo, otimista, alegre, animado, com autonomia, demonstrando assim, que viver muito e preservar por mais tempo os aspectos da juventude, como força, alegria e produtividade, é uma conquista possível, contrariando a expectativa de uma velhice limitada, parada, improdutiva (CARMAGNANIS, 2016; ROUGEMONT, 2016;).

Verifica-se, nas narrativas que os idosos longevos entrevistados enxergam a velhice como um momento que deve ser vivido de forma independente, ativa e autônoma. De acordo com Caradec (2016) os indivíduos contemporâneos que chegam à idade avançada estão impregnados do valor de autonomia. Assim, para demonstrar que a velhice é um momento de possibilidades e não de limitações, duas idosas longevas se compararam com outras pessoas da mesma faixa etária, como podemos observar nas narrativas a seguir:

> *Eu tenho umas amigas mais novas do que eu que tão derrubadas. Fumaram muito. Beberam muito. Perderam noites, e hoje não conseguem fazer mais nada. Então isso para mim... eu acho que elas estão velhas, eu não tô velha, eu tô idosa viu?!!! (Margarida, 82 anos).*
>
> *Eu me enxergo como uma idosa muito bem. Você não tá achando não?!!! Porque eu vejo muitas pessoas velhas que vai levantar e reclama "ai"; Não..., todo mundo fala pra mim: "á, a senhora não tem oitenta anos. Não!" Eu falo, eu tenho!, porque eu sou bem cuidada e não fico me apegando à velhice. Tem pessoas que se apega na velhice pra pedir coisa. Pra queixar, não é assim? Mas eu não sou assim. (Jasmim, 80 anos).*

É possível apreender dessas narrativas que os idosos elaboram constantemente o que é ser idoso e o que é ser velho. E para realizar essa construção, recorrem a exemplos de outras pessoas que consideram estar menos bem, e por este motivo, a percepção é de que *velho* é sempre o outro (CARADEC, 2016). Portanto, é justamente nesse processo dual entre *ser velho* ou *idoso* que os participantes identificam suas relações com o outro e mesmo com a sociedade capitalista de que fazem parte. Constata-se, em virtude disso, que a relação *velho*/*idoso* está ligada ao grau de dependência funcional e ainda social dos idosos, o que provoca no indivíduo longevo independente a explícita repulsa pelos outros idosos com algum tipo de fragilidade ou com dependência funcional. Situações semelhantes a essa, permitiram a Mercadante (2005) afirmar que é preciso ficar atento para que as novas identidades que estão sendo construídas não contribuam para a manutenção de preconceitos e exclusão daqueles idosos que apresentam alguma fragilidade ou são dependentes funcionalmente.

Considerações finais

Diante dos achados desta pesquisa, é possível afirmar que embora continue muito presente no imaginário social a ideia de decrepitude do sujeito velho, nos deparamos com novas imagens positivas da velhice em que os idosos longevos exploram novas identidades de um modo que antes era exclusivo dos idosos jovens e da juventude. Pois, como afirma Goldenberg (2016), a associação da velhice com incapacidades, fragilidades, já não corresponde mais à imagem

dos *novos velhos*. Assim, diante dessa perspectiva mais positiva da velhice, foi possível perceber que as concepções *velho* e *idoso* imbricam e dialogam o tempo todo, refletindo a diversidade e as múltiplas condições da velhice.

Contudo, embora o vocábulo idoso seja utilizado para a valorização daqueles com bastante experiência cronológica de vida que se transformam, reinventam todos os dias e não abrem mão da própria autonomia, como se constatou neste estudo, é preciso ainda refletir sobre a dualidade *velho/idoso*, numa perspectiva de que o termo *velho* não sirva de rótulo, estigma e exclusão para aqueles idosos mais fragilizados, e favoreça um processo de negação da própria condição e mascaramento da velhice, pois como afirma Goldenberg (2016), é preciso mudar essa representação da imagem de *velho*, porque *velho está na moda!*; mais ainda, *velho é lindo!*.

Assim, essa pesquisa evidencia a sua relevância para que novos tratamentos e significados sejam construídos nas práticas profissionais, para que não haja generalizações sobre a velhice, sobre os termos *velho/idoso* e para que não reduzam esses sujeitos históricos-sociais a aspetos biológicos. A conquista da longevidade abre-se para novas questões, e sendo assim, torna-se imprescindível identificar as questões que o envelhecimento suscita e de que forma se enquadra no progresso das sociedades capitalistas, haja vista que a velhice é uma etapa deveras complexa da existência humana, inserida numa sociedade em constante transformação e que deve ser compreendida em seus aspectos econômicos, sociais, culturais e mesmo psicológicos.

Referências

ARGIMON, I. I. L. et al. Velhice e identidade: significações de mulheres idosas. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 14, n.4, p.79-99, 2011. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/issue/view/8130>. Acesso em: 27 jan. 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS, M. M. L. testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: BARROS, M. M. L. (Org.). **Velhice ou terceira idade?**: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. 3. reimp.. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 113-68.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Brasília (DF), 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em: 3 mar. 2015.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 5. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

CARADEC, V. Da terceira idade à idade avançada: a conquista da velhice. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Velho é lindo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 11-38.

CARMAGNANIS, F. "Jovens há mais tempo". In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Velho é lindo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 219-43.

CONCEIÇÃO, L. F. L. Saúde do idoso: orientações ao cuidador do idoso acamado. **Revista Médica Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 20, n.1, p. 81-91, 2010. Disponível em: <http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_artigos/199.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2015.

DEBERT, G. G. O velho na propaganda. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, p. 133-155, 2003.

DEBERT, G. G. O. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M. L. M. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. 3. reimp.. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 49-68.

FAORO, R. **Os donos do poder**. Porto Alegre: Globo, 1958.

FERRETO, L. E. Representação social no envelhecimento humano. In: MALAGUTTI, W.; BERGO, A. M. A. (Orgs.). **Abordagem interdisciplinar do idoso**. Rio de Janeiro: Rubio, 2010. p. 23-36.

GOLDENBERG, M. Apresentação. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Velho é lindo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 7-10.

LIMA, T. A. S. L.; MENEZES, T. M. O. Investigando a produção do conhecimento sobre a pessoa idosa longeva. **Revista Brasileira de enfermagem**, Brasília (DF), v. 64, n. 4, p.751-8, 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n4/a19v64n4.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2015.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MERCADANTE, E.F. "Velhice: uma questão complexa". In: CORTE, B.; MERCADANTE, E. F. e ARCURI, I. (Orgs). **Velhice, envelhecimento, complex(idade)**. São Paulo: Vetor, 2005. p. 23-34.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JUNIOR, C. E. A. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MINAYO, M. C. S. Técnicas de análise do material qualitativo. In: MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007. p. 303-60.

MOTTA, A. B. Chegando pra idade. In: BARROS, M. L. M. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. 3. reimp. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 223-35.

MOURA, G. A.; SOUZA, L. K. Autoimagem, socialização, tempo livre e lazer: quatro desafios à velhice. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 11, n.1, p.172-183, 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/fass/article/view/9492>. Acesso em: 27 jan. 2015.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, M. L. M. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. 3. reimp. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p.69-84.

QRS INTERNACIONAL. **NVivo10 for Windows.** [S.l], 2014. Disponível em: <http://download.qsrinternational.com/Document/NVivo10/NVivo10-Getting-Started-Guide-Portuguese.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2015.

RODRIGUES, L. S.; SOARES, G. A. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. **Revista Ágora**, Vitória, n.4, p. 1-29, 2006. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1901/1413>. Acesso em: 20 ago. 2015.

ROUGEMONT, F. R. A longevidade da juventude. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Velho é lindo**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016. p. 79-106.

ROZENDO, A.; JUSTO, J. S. Velhice e Terceira Idade: tempo, espaço e subjetividade. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v.14, n. 2, p. 143-159, 2011. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/8212>. Acesso em: 11 out. 2015.

SANTOS, D. V.; MOREIRA, M. A. A.; CERVENY, C. Velhice: considerações sobre o envelhecimento: imagens no espelho. **Nova Perspectiva Sistêmica**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 48, p. 80-94, 2014. Disponível em: <http://www.revistanps.com.br/index.php/nps/article/view/53>. Acesso em: 27 jan 2015.

SANTOS, D. F. et al. A arte de morar só e ser feliz na velhice, **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 12, n. 8, p. 109-123, 2010. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/6918/5010>. Acesso em: 06 jun. 2015.

SILVA SOBRINHO, H. F. A negação da velhice: uma discursividade ancorada na memória. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 34, n (esp.), p. 241-6, 2005. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/a-negacao-da-velhice-874.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2015.

VASCONCELOS, A. L.; SOUZA FILHO, A. R. Bananal: Trabalho e vivência em uma comunidade de negros. **Politéia**, Vitória da Conquista, v.1, n.1, p. 247-68, 2001. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/148/159>. Acesso em: 20 jul. 2016.

VIEIRA, K. F. L. **Sexualidade e qualidade de vida do idoso:** desafios contemporâneos e repercussões psicossociais. 2012. 234 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social)–Universidade Federal da Paraíba; João Pessoa, 2012.

ZIMERMAN, G. **Velhice, aspectos Biopsicossociais**. São Paulo: Artmed, 2007.
Agradecimentos

À Capes, pela bolsa, crucial para o desenvolvimento desta pesquisa. Um agradecimento mais do que especial aos participantes deste trabalho. Aos idosos longevos que nos acolheram em suas casas, permitiram o desenvolvimento desta pesquisa. O aprendizado que tivemos não foi só acadêmico, foi também pessoal; levaremos para toda a nossa vida essa experiência que foi única.

Maykon dos Santos Marinho trabalhou na concepção, delineamento, análise, interpretação dos dados, e redação do artigo.
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e sociedade (PPGMLS) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB, Itapetinga, Brasil). Membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa sobre Envelhecimento Humano (UESB, Itapetinga, Brasil). Bolsista de Doutorado da CAPES.
Renato Novaes Chaves trabalhou na revisão, crítica.
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB, Itapetinga, Brasil). Docente da Faculdade de Tecnologia e Ciências de Vitória da Conquista (BA) (FTCVC, Vitória da Conquista, Brasil). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Envelhecimento e Obesidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB, Itapetinga, Brasil).
Argemiro Ribeiro Souza Filho trabalhou na revisão, crítica.
Doutor em História Social (USP, São Paulo, Brasil). Membro do grupo de pesquisa Estado, Política e Sociedade (GEPS) e professor da Faculdade Independente do Nordeste (FIN, Vitória da Conquista, Brasil).
Luciana Araújo dos Reis trabalhou na concepção, delineamento, análise e revisão, crítica.
Doutora em Ciências da Saúde (UFRN). Docente dos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGM/UESB, Itapetinga, Brasil). Docente do Curso de Fisioterapia do Departamento de Saúde 1, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB, Itapetinga, Brasil), Membro do Grupo de Pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre o Envelhecimento e Obesidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB – CNPq, Brasil).